



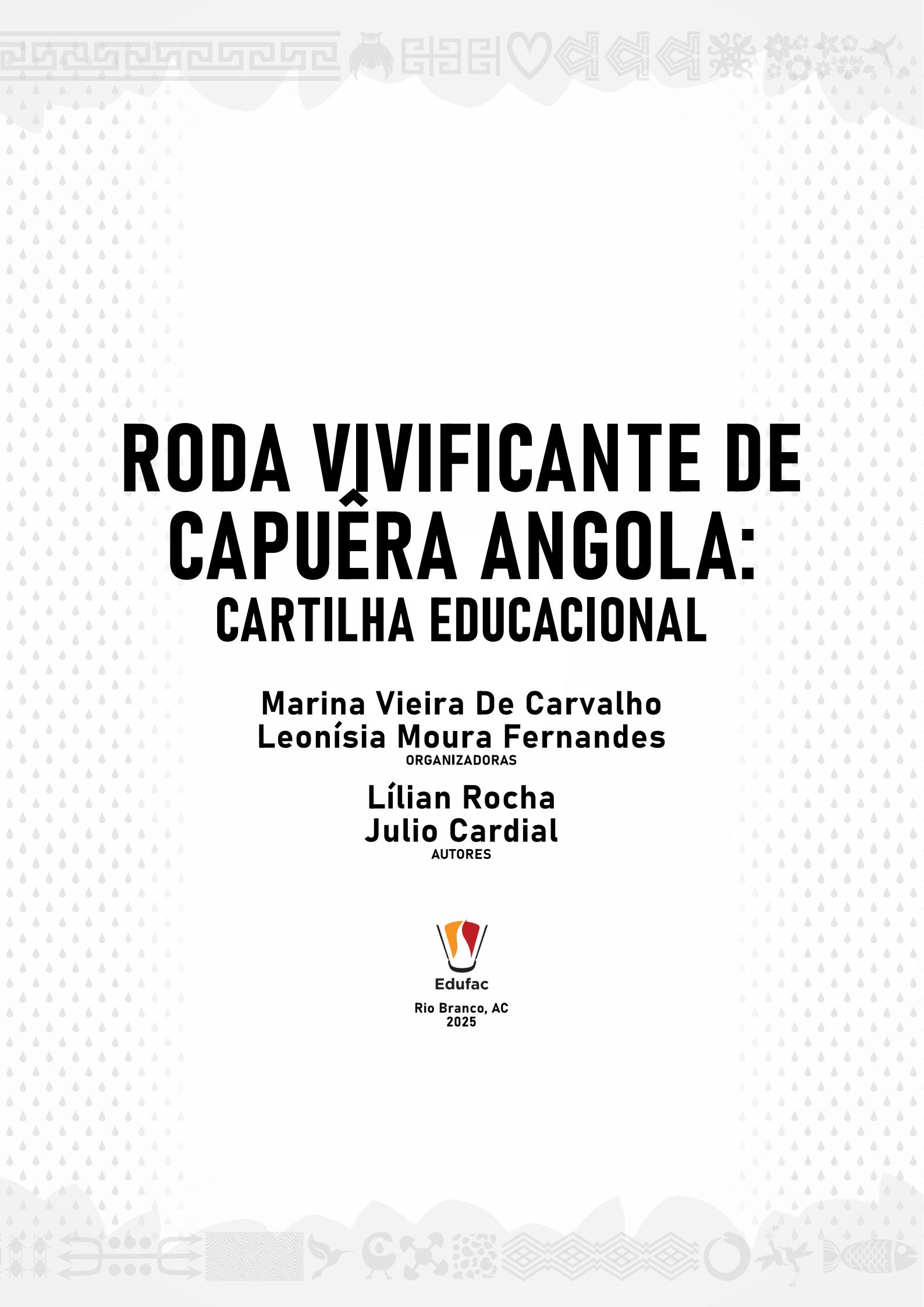
RODA VIVIFICANTE DE CAPUÊRA ANGOLA: CARTILHA EDUCACIONAL



Marina Vieira De Carvalho
Leonísia Moura Fernandes
ORGANIZADORAS

Lílian Rocha
Julio Cardial
AUTORES





RODA VIVIFICANTE DE CAPUÉRA ANGOLA: CARTILHA EDUCACIONAL

**Marina Vieira De Carvalho
Leonísia Moura Fernandes**

ORGANIZADORAS

**Lílian Rocha
Julio Cardial**

AUTORES



**Rio Branco, AC
2025**



Sinopse

Roda vivificante de Capuêra Angola: Cartilha Educacional

*Marina Vieira de Carvalho, Leonísia Moura Fernandes (org.)
Lilian Rocha e Julio Cardial (autores)*

Esta cartilha é mais um desdobramento das ações do Programa Curricular de Extensão “Samaúma Vivificante: o Bem Viver e a Educação Feminina De(s)colonial”. A concepção desta obra envolve a interculturalidade crítica entre a Samaúma Vivificante, as mulheridades negras, indígenas, afro-indígenas e camponesas/agroextrativistas do estado do Acre e os saberes acadêmicos, entrecruzados pela equipe Raízes. A ação Roda Vivificante de Capuêra Angola, por sua vez, ocorreu em fevereiro e março de 2023, na Universidade Federal do Acre. Os conhecimentos ancestrais vinculados à Capuêra Angola foram marginalizados e invisibilizados pela colonialidade do ser e do saber. A linha teórica desta Cartilha contém a noção de corporeidades, pois comprehende a transformação que cada corpo-diferença possui em espaços situados de saber-poder. Assim, ao leitor espera-se que seja enriquecido por mais conhecimento e valorização da Capuêra Angola, como uma prática de(s)colonial, que valorize a história e a cultura afro-brasileira enquanto possibilidade de enfrentamento e combate ao racismo em todos os espaços (adaptada do texto que compõe a Apresentação deste livro).

Apoio e Realização



**O Programa de Extensão Samaúma Vivificante foi financiado pela Emenda Parlamentar nº 71020006 do deputado federal Léo de Brito.*

**Roda Vivificante de Capuêra Angola: Cartilha Educacional**

Marina Vieira de Carvalho, Leonísia Moura Fernandes (org.); Lílian Rocha, Julio Cardial (autores)

ISBN 978-85-8236-132-0 • Feito Depósito Legal

Copyright© Edufac 2024

Editora da Universidade Federal do Acre (Edufac)

Rod. BR 364, Km 04 • Distrito Industrial
69920-900 • Rio Branco • Acre // edufac@ufac.br

Editora Afiliada

Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Diretor da Edufac

Gilberto Mendes da Silveira Lobo

Coordenadora Geral da Edufac

Ângela Maria Poças

Conselho Editorial (Consedufac)

Adcleides Araújo da Silva, Adelice dos Santos Souza, André Ricardo Maia da Costa de Faro, Ângela Maria dos Santos Rufino, Ângela Maria Poças (vice-presidente), Alexsandra Pinheiro Cavalcante Costa, Carlos Eduardo Garção de Carvalho, Claudia Vanessa Bergamini, Délcio Dias Marques, Francisco Aquinei Timóteo Queirós, Francisco Naildo Cardoso Leitão, Gilberto Mendes da Silveira Lobo (presidente), Jáder Vanderlei Muniz de Souza, José Roberto de Lima Murad, Maria Cristina de Souza, Sheila Maria Palza Silva, Valtemir Evangelista de Souza, Vinícius Silva Lemos

Coordenadora Comercial • Serviços de Editoração

Ormifran Pessoa Cavalcante

Revisão Técnico-Científica

Leonísia Moura Fernandes

Teresa Almeida Cruz

Revisão Textual

Leonísia Moura Fernandes

Ormifran Pessoa Cavalcante

Teresa Almeida Cruz

Projeto Gráfico/Diagramação e Arte da Capa

Daniel Laucas

Lígia Mikal do Nascimento Silva

Universidade Federal do Acre

Biblioteca Central

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R685 Roda vivificante de Capuêra Angola: cartilha educacional [recurso digital] / Lílian Rocha, Julio Cardial, organizadora Marina Vieira de Carvalho, Leonísia Moura Fernandes. – Rio Branco: Edufac, 2025.
22 p. : il. [recurso digital]

ISBN: 978-85-8236-132-0

1. Capoeira. 2. Prática de ensino. I. Rocha, Lílian. II. Cardial, Julio. III. Carvalho, Marina Vieira (org.). IV. Fernandes, Leonísia Moura (org.). V. Título.

CDD: 796.81



Sumário

Apresentação	6
O que significa a palavra Capuêra?	8
Ladainha “Desta arte eu sei um pouco”	9
Afinal, o que é a Capuêra e qual a sua origem?	9
Variação de estilos	10
Capuêra Angola	10
Capuêra Regional	10
Capuêra Contemporânea	11
Proibição e liberdade	12
Como se organizam os instrumentos na Roda de Capuêra Angola?	13
Ladainha Eu vou ler o B-A-Bá	13
Ladainha, louvação e corrido	14
Curiosidades	15
Referências	17
Glossário	18
Sobre as Autores	19





Apresentação

“Samaúma Vivificante: o Bem Viver e a Educação Feminina De(s)colonial” é um Programa Curricular de Extensão do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas da Universidade Federal do Acre, o Neabi/Ufac, o qual articula os três eixos das universidades públicas brasileiras, a saber: ensino, pesquisa e extensão. Trabalha de forma inter e transdisciplinar, materializando a proposta do educador Paulo Freire, que compreende a extensão como comunicação (Freire, 1983).

Esse Programa visa construir uma educação feminina de(s)colonial amazônica, protagonizada por mulheres indígenas, negras, afro-indígenas e camponesas/agroextrativistas do estado do Acre, voltada para a conscientização e enfrentamento às opressões da colonialidade do poder capitalista-patriarcal-cis-heteronormativo-moderno-ocidental.

Com esse fim, a metodologia (des)envolvida para esse Programa constrói práxis de interculturalidade crítica (Walsh, 2007; 2009) no âmbito dos saberes acadêmicos da Ufac, das mulheres indígenas, negras, afro-indígenas e camponesas/agroextrativistas acreanas.

Como resultado, estamos construindo uma educação feminina de(s)colonial potencializadora da conscientização e enfrentamento às opressões da colonialidade do poder do capitalismo patriarcal, racista e cis-heteronormativo moderno-ocidental (Lugones, 2008; Quijano, 2009; Paredes, 2013). Tal interseccionalidade de opressões inferioriza, invisibiliza, violenta e mata seus corpos sócio-históricos, psíquicos, energético-espirituais (Melo, 2017) e físicos, o que resulta, por exemplo, no elevado índice de feminicídio no Acre.

Este crime, segundo o Atlas da Violência (Cerqueira, 2020), vítima principalmente, mulheres não brancas, as quais o Programa prioriza, apostando nas potencialidades de(s)coloniais de suas autodefinições (Collins, 2019) e conhecimentos. Simultaneamente, esperamos possibilitar uma educação que construa práticas de preservação e defesa da maior floresta tropical do mundo – a Amazônia.

Ao ousarmos ser esperançosas não por “pura teimosia, mas por imperativo





existencial e histórico" (Freire, 1992, p. 10) optamos por transgredir o modelo tradicional de Educação institucionalizado, que consideramos positivista-colonizador, em nome de práxis de(s)coloniais, em que os diferentes saberes das sujeitas epistêmicas envolvidas possibilitam a criação de uma educação feminina de(s)colonial amazônica, humanizadora, vivificante, centrada em todas as (re)existências – uma tecitura elaborada em complementariedade entre feminino e sama-humanidade masculino, com a natureza e o cosmos.

Dessa forma, apresentamos esta cartilha como uma das ações no bojo do Programa Samaúma Vivificante: o Bem Viver e a Educação Feminina De(s)colonial, especialmente a Roda Vivificante de Capuêra Angola, por sua vez, permeada de interculturalidade crítica, entre as mulheridades negras, indígenas, afro-indígenas e camponesas/agroextrativistas do Estado do Acre e os saberes acadêmicos, entrecruzados pela equipe Raízes (uma das equipes de trabalho que compõem o Programa).

A Roda Vivificante de Capuêra Angola ocorreu em fevereiro e março de 2023, na Universidade Federal do Acre. Faz parte do Tronco (linha oralidades do Programa) da Samaúma Vivificante, cujos conhecimentos ancestrais foram marginalizados e invisibilizados pela colonialidade do ser e do saber; inclui-se ainda sobre a linha corporeidades, pois comprehende que cada corpo-diferença possui espaços situados de saber-poder.

Esperamos que esta cartilha proporcione mais conhecimento e valorização da Capuêra Angola como uma prática de(s)colonial, valorizando a história e a cultura afro-brasileira como possibilidade de enfrentamento e combate ao racismo em todos os ambientes.

Boa leitura!

Obs.: Esta cartilha é de distribuição gratuita, sendo terminantemente proibida a sua venda.





O que significa a palavra Capuêra?

Existem diferentes teorias a respeito dessa palavra. Uma das definições é que o termo “capoeira” deriva de kaapuera da língua indígena tupi-guarani, e significa “mato que foi cortado” ou “roça abandonada”. Essa interpretação sugere que sua prática ocorria em áreas abertas ou espaços não utilizados.

Atualmente, alguns Mestres, como Jaime de Mar Grande e Augusto Januário, utilizam a palavra Capuêra fazendo referência à origem Tupi Guarani, e também, a forma falada da palavra. E é com base nessa definição que seguiremos mencionando a grafia Capuêra no decorrer desta cartilha. Como ressalta o antropólogo Carlos Alberto Corrêa Mendes, em sua Tese de Doutorado intitulada “O centro da roda é o centro da vida: tradição, experiência e improviso na roda de Capuêra Angola” apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo:



Movimentos de Capuêra. Fonte: Freepik, 2025.

Disponível em: https://www.freepik.com/free-vector/hand-drawn-capoeira-illustration_66242237.htm#fromView=search&page=1&position=3&uuid=e4fd4b75-82dc-42a9-b39d-ef5df8be1b24&new_detail=true&query=capoeira.
Acesso em: 5 fev. 2025.

É bastante curiosa e reveladora a forma do substantivo capuêra, que ora aparece como referência à prática, no sentido de uma tradição ou conjunto de saberes, ora como referência a um ou mais praticantes [...] mais que um entrelaçar de duas coisas distintas como a firmei acima, seja um processo de co-constituição em que os polos da relação se produzem mútua e simultaneamente (Moro, 2016, p. 13).





Ladainha “Desta arte eu sei um pouco”

por Mestre Paulo dos Anjos

Dessa arte eu sei um pouco
O mestre que me ensinou
Depois passei para alguém
Eu tenho bons professor
Todos são bem educado
Eu vou provar para o senhor
Me orgulho dessa arte
Foi Deus quem me ajudou
Camaradinha é mandingueiro

Afinal, o que é a Capuêra e qual a sua origem?



Capuêra na rua. Fonte: Freepik, 2025. Disponível em: <https://www.pexels.com/photo/capoeira-fighters-performing-outdoors-in-brazil-28975496/>. Acesso em: 5 fev. 2025.

A Capuêra é uma mistura de arte, luta e jogo que surgiu entre as comunidades de africanos em terras brasileiras, portanto, uma arte afro-brasileira, pois criada como movimento de insubordinação e resistência contra as ordens escravagistas, protagonizada pela massa cativa afro-diaspórica de diversas localidades de África, considerando as complexidades identitárias, culturais e linguísticas dos vários povos africanos que, ao serem escravizados, foram trazidos ao Brasil, principalmente vindos da região da África Central e Ocidental.

Historicamente, a Capuêra foi praticada e difundida como uma forma de resistência física e cultural. Como a prática da Capuêra era proibida pelos colonizadores portugueses e elite brasileira, as pessoas em situação de escravidão desenvolveram uma forma de





disfarçar seus movimentos marciais, incorporando elementos de dança e música.

Variação de estilos

Há diferentes modalidades de Capuêra, sendo elas Angola, Regional e Contemporânea. Estas contêm semelhanças, porém, se diferem nas formas de se pensar e praticar o jogo. De forma simplificada, podemos caracterizar cada uma delas.

Capuêra Angola

Considerado o maior difusor da Capuêra Angola, nascia na capital do estado da Bahia, no ano de 1889, filho de José Señor Pastinha e da baiana Eugênia Maria de Carvalho, Vicente Ferreira Pastinha – mestre Pastinha – tendo sua trajetória marcada pelo percurso na Marinha brasileira, mas que aos 21 anos de idade pediria baixa objetivando atuar com aulas de capoeira em praças públicas de Salvador, onde constrói sua vida em torno dos fundamentos e da destreza corporal, desenvolvidos e repassados oralmente aos e às conterrâneas como sendo a maior arte marcial de resistência contra as formas de opressão sofridas pela população negra brasileira.

O jogo de Angola é cadenciado, as músicas são entoadas de forma mais lenta, de modo a estimular o desenvolvimento do corpo e da mente do capoeirista. Seus movimentos são executados de forma rasteira, de modo em que o ou a capoeirista prioriza golpes e esquivas não contundentes, utilizando da malandragem para executar movimentos de coluna para iludir quem está jogando, tais como “Macaco”; “parada de mão”; “Aú quebra pescoço” e “queda de rim”, por exemplo. Portanto, com cada capoeirista podendo estabelecer uma estética própria nos seus modos de fazer. O jogo contém um tempo de duração longo e pode apresentar características lúdicas, como a dramatização e o desenvolvimento artístico. Ainda assim, contém a malícia que consiste em simular movimentos que podem ludibriar o oponente durante o jogo, pois suas demonstrações de perigo podem ocorrer de forma implícita.

Capuêra Regional

O jogo da Regional teve como o principal precursor um homem que nasceu em Salvador/BA, de nome Manoel dos Reis Machado, ou popularmente conhecido como Mestre Bimba (1900-1974). Ele difundiu a “Luta Regional Baiana”, a qual, por meio da estratégia de renomeação da arte da Capuêra, obteve êxito em driblar o Código Penal brasileiro, protegendo a arte dos esquemas racistas de criminalização. Uma de suas estratégias foi o reordenamento da bateria musical que compõe a roda, tirando o





atabaque, já que é popularmente utilizado em culto de religiões afro-brasileiras, historicamente tidas como “subversivas” em uma sociedade colonial.

Outra estratégia foi a obrigatoriedade da prática da arte sendo realizada exclusivamente em academias fechadas na capital baiana, em que os e as praticantes aderissem à uniformização de fardas, ou abadás, como é conhecida a junção da calça e camisa branca em conjunto com a corda, que simboliza o sistema de graduação na Capuêra.

Tal estratégia de pensar a arte por meio da adoção de determinados símbolos fez com que a institucionalidade republicana, durante a presidência de Getúlio Vargas (1930-1945), enxergasse a arte como algo que deveria ser trazido para a formação de uma suposta “identidade brasileira”, livrando seus praticantes do cárcere e do pagamento de multas.

A “Luta Regional Baiana” ou “Capuêra Regional” é conhecida por ser mais rápida e alta, contendo movimentos e golpes contundentes de giros e saltos como, por exemplo, a “armada”; “queixada”; “martelo” e “benção”, visando atingir a parte superior do corpo de quem está jogando, contendo uma variedade de golpes com ênfase no ataque.

Na Capuêra Regional há um ritual conhecido como Batizado, no qual o aluno iniciado recebe um apelido e efetua sua primeira graduação. A graduação consiste em quatro etapas que indicam a evolução do capoeirista. A cada graduação, o aluno recebe uma corda ou lenço nas cores azul, vermelho, amarelo e branco. Cada cor atua como indicador do grau de formação do capoeirista. Essas definições são uma tradição e podem variar no seu modo de organização de grupo para grupo.

Capuêra Contemporânea

Pode-se dizer que o jogo de Capuêra Contemporânea contém uma mistura dos dois estilos, Angola e Regional. A organização dos instrumentos nessa modalidade é semelhante à bateria de Angola. No jogo pode-se notar a presença de elementos como acrobacias, teatralidade, agilidade e precisão de movimentos.

Contudo, essas definições norteiam cada um dos estilos, mas não os limitam a uma forma ou modo de fazer, visto que, independente da modalidade, pode ser praticado o jogo de dentro ou jogo de fora, jogo alto ou jogo baixo, rápido ou lento, contendo variações que se definem por cada escola, grupo e tradição, cada um com





sua autenticidade, fundamento e filosofia.

Contudo, a roda de capoeira estabelece um padrão único: o da organização em círculo, já que este simboliza a volta ao mundo e a concretização energética entre as pessoas envolvidas, ecoando as palmas, a sonoridade dos instrumentos e o coro rítmico, fortalecido pela união das vozes que ecoam na roda.



Associação Paraguassu.
Fonte: Acervo do Grupo Maria Filipa, s/d.

Proibição e liberdade

Em 1890, a Capuêra passou a ser vista como crime, e proibida por lei, quase

junto com a vigência da Lei Áurea, que “libertava” os negros da situação de escravidão, mas que os deixou em condições precárias, sem dinheiro, roupas, coisas ou terras.

**E' praxe reunirem se todas as noites na rua do Sól, canto da rua de Sant'Anninha uns molecotes que ahi fazem exercícios de capoeiragem, impedindo, por vezes, o livre trânsito.
Mas é uma praxe ruim, que à polícia cumpre acabar.**

Pacotilha, jornal maranhense (20 jan. 1884). Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=168319_01&pasta=ano%20188&pesq=A%20Escrava,%20por%20Maria%20F.%20dos%20Reis.&pagfis=2274.
Acesso em: 5 fev. 2025.

A Capuêra só voltou a ser permitida por lei em 1937, quando Mestre Bimba, criador da Luta Regional Baiana, pediu ao então presidente Getúlio Vargas que a atividade deixasse de ser crime para ser considerada uma arte marcial





brasileira.

A Capuêra Angola é mestiça, mas mantém as maneiras negras de aprender, treinando, tocando, cantando e jogando com camaradas. Se torna Mestre ou Mestra alguém que seja respeitado por muitos e considerado assim pelo povo, após passar por muitas vivências, jogando, cantando e adquirindo experiências para poder guiar o seu grupo. Afinal, mais do que um esporte, a Capuêra é um modo de vida, cujos ensinamentos tradicionais são transmitidos e conservados essencialmente pela oralidade e vivência das pessoas que a praticam.

Como se organizam os instrumentos na Roda de Capuêra Angola?

A musicalidade é uma parte muito importante da Capuêra e, na roda de Angola, a junção dos instrumentos se chama “bateria”, que é organizada da seguinte forma: três berimbau, dois pandeiros, um agogô, um reco-reco e um atabaque, podendo variar a disposição dos instrumentos conforme os costumes de cada escola. Essa orquestra é fundamental para estimular os movimentos e estabelecer o ritmo do jogo.



Instrumentos da Capuêra. Fonte: Pexels, 2025. Disponível em: <https://www.pexels.com/photo/a-person-with-a-tambourine-19952076/>. Acesso em: 5 fev. 2025.

Ladainha Eu vou ler o B-A-Bá por Mestre Pastinha

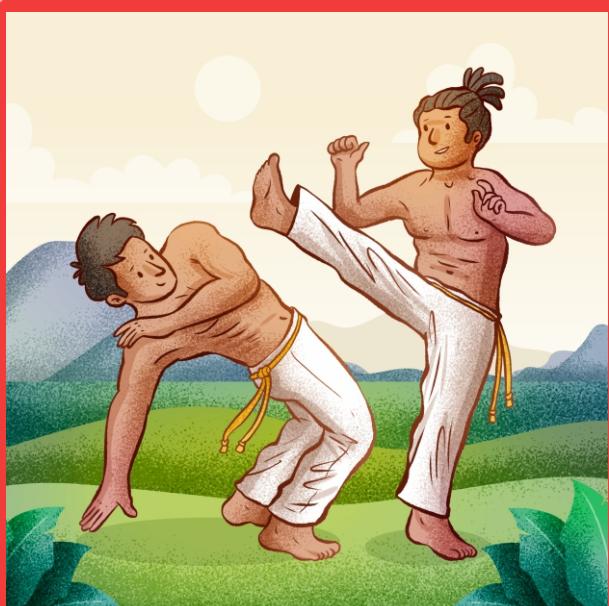
Eu vou lê o B-A-Bá
O B-A-Bá do berimbau
Acabaça e o caxixi
E um pedaço de pau
Amoeda e o arame, colega velho
Está aí um berimbau
Berimbau é um instrumento
Tocado de uma corda só
Pra tocá São Bento Grande
Toca angola em tom maior
Agora acabei de crê, colega velho Berimbau é o maior, camará.

O berimbau é quem comanda a roda, podendo ser tocado de diferentes maneiras. Os





três berimbaus são o Gunga, o Médio e o Viola, com sonoridades que variam entre grave e aguda. Na tradição da Capuêra Angola, o Gunga é quem dita o ritmo da orquestra, portanto, é comum que ele seja tocado pela pessoa mais velha ou com mais tempo de prática.



Movimentos de Capuêra. Fonte: Freepik, 2025. Disponível em: https://www.freepik.com/free-vector/hand-drawn-capoeira-illustration_66242237.htm#fromView=search&page=1&position=3&uuid=e4fd4b75-82dc-42a9-b39d-ef5df8be1b24&new_detail=true&query=capoeira. Acesso em: 5 fev. 2025.

Ladainha, louvação e corrido

Nas rodas de Capuêra Angola são entoadas diferentes cantigas, cada uma com suas características próprias. A ladainha é uma importante forma de canto e se caracteriza por ser uma cantiga mais lenta, melódica e com um teor poético mais elaborado. Ao ser entoada na roda, cria-se um ambiente de reflexão, trazendo uma atmosfera mais contemplativa, pois através dela, pode-se transmitir mensagens, contar histórias, expressar a filosofia de vida e ressaltar os valores tradicionais da Capuêra Angola.

A louvação é entoada após a ladainha, é um momento de saudação e reverência, como uma forma de honrar

e reconhecer aqueles que vieram antes, transmitindo seus ensinamentos e mantendo viva a herança cultural afro-brasileira. Ela é uma prática de preservação da tradição oral, transmitindo valores, conhecimentos e sabedorias ancestrais aos praticantes da Capuêra.

O corrido vem após a louvação. É marcado por um ritmo mais dinâmico, entoado durante a roda, acompanhando o jogo. Há quem cante o corrido em primeira voz, e os demais integrantes da roda respondem em coro. O puxador pode improvisar, passando mensagens codificadas ou interagindo com as situações que ocorrem durante a roda. Esses versos podem ser rimados, melodiosos e possuir um tom mais animado.





Roda Vivificante de Capuêra Angola, 2023. Fonte: Acervo da Pesquisa.

Curiosidades

- *Você sabia que em 2008, a Capuêra foi registrada como patrimônio cultural brasileiro e até mundial?*

Já sabemos que a Capuêra pode ser considerada uma manifestação cultural subversiva, que foi marginalizada durante muito tempo. Mas, por fim, recebeu a sua devida valorização como símbolo de resistência negra, sendo reconhecida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), em 2008, como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade.

- *Você sabia que a Capuêra é uma tradição cultural afro-brasileira que está em todos os continentes?*

A Capuêra é uma arte que atravessou todas as fronteiras e hoje está presente em centenas de países de todos os continentes, sendo uma difusora da cultura brasileira mundo afora.

- *Você sabia que a Capuêra é uma forte difusora da língua portuguesa pelo mundo?*

Devido a sua expansão mundial, os estrangeiros praticantes de Capuêra entram em contato com a Língua Portuguesa para obter um melhor desenvolvimento e aprendizagem através dessa arte, visto que, para o melhor desenvolvimento do capoeirista, é importante que haja a compreensão do que é dito nas letras das cantigas entoadas na roda.

Agora que você conhece um pouco mais sobre a história da Capuêra. Expressse através do desenho ou da escrita, o que essa arte e luta desperta em você, seja uma





sensação, uma lembrança, alguma curiosidade ou uma ideia que possa ter surgido no decorrer da leitura.

Sigamos gingando!





Referências

ARAÚJO, Rosangela Costa. **É preta, Kalunga: a Capoeira Angola como prática política entre os angoleiros baianos – anos 80, 90.** Coleção Capoeira Viva, v. 2. Salvador: MC&G, 2015.

COSTA, Márcio. **Capoeira Regional: história, características e golpes. Dicas de Educação Física (DEF, 2019).** Disponível em: <https://www.dicaseducacaofisica.info/capoeira-regional/>. Acesso em: 27 jul. 2023.

CRESSONI, Franz Eric de Goes. **Capoeira Contemporânea: compreensões decorrentes de mestres autodeclarados.** Unesp, São Paulo, out. 2013. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/108759/000767661.pdf;jsessionid=EADBAEA3DF3E0093E80BF34D0A72C33F?sequence=1>. Acesso em: 27 jul. 2023.

MAGALHÃES FILHO, Paulo Andrade. **Jogo de discursos: a disputa por hegemonia na tradição da capoeira angola baiana.** Unesp, Rio Claro, 2013. Disponível em: <https://repositoriudev.ufba.br/handle/ri/30810>. Acesso em: 28 jul. 2023.

MORO, Carlos Alberto Correa. **O centro da roda é o centro da vida: tradição, experiência, e improviso na roda de Capuêra Angola.** 2016. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-14032017-154447/>. Acesso em: 19 fev. 2025.





Glossário

De(s)colonial: O termo "De(s)colonial" é utilizado para englobar duas abordagens interligadas, "descolonial" e "decolonial", que refletem diferentes nuances na luta contra as estruturas coloniais e suas consequências. A utilização da forma "De(s)colonial" permite uma discussão mais ampla sobre esses conceitos, que são essenciais para a compreensão das dinâmicas de poder e resistência.

Descolonial: Refere-se a práticas e teorias que buscam desconstruir e desafiar os legados do colonialismo, promovendo a valorização de culturas e conhecimentos não ocidentais. É um processo que visa à emancipação intelectual e cultural.

Decolonial: Envolve a crítica aos sistemas coloniais e suas manifestações contemporâneas, enfatizando a luta por autonomia e justiça social. Está ligado à descolonização do pensamento e à busca de formas de resistência.

Interseccionalidade: Refere-se a uma abordagem analítica que considera a intersecção de múltiplas identidades sociais (como raça, gênero, classe e sexualidade) e como essas interseções podem criar experiências únicas de opressão e privilégio.

Sama-humanidade: Um conceito que propõe a valorização de uma humanidade compartilhada, reconhecendo a diversidade cultural e a igualdade entre todos os seres humanos. Pode ser entendido como um convite à empatia e à construção de relações mais justas e solidárias.

Práxis: é a prática, o fazer algo na vida real. É quando a teoria se transforma em ação. Por exemplo, quando você aprende algo na escola e aplica isso no seu dia a dia.

Interculturalidade: é a convivência e a troca de ideias entre diferentes culturas. É como quando pessoas de países diferentes se encontram, compartilham suas tradições e aprendem umas com as outras, respeitando as diferenças.

Corporeidades: esse termo se refere ao corpo e como ele é percebido e vivido. É a ideia de que cada pessoa sente e expressa o seu corpo de um jeito único, levando em conta a cultura, a experiência e a individualidade.



Sobre os Autores

Lílian Rocha, mais conhecida como Líli, é multiartista e desenvolve trabalhos como arte-educadora, produtora cultural, atriz, poeta, cantora e MC de batalhas de rima. Desde 2019 atua em espetáculos teatrais e performances como a peça Aquelas Pretas e o vídeo-arte Corpa Rasante; fez parte do Festival Internacional de Dança em Cobija; realiza apresentações e pockets show cantando músicas autorais; foi campeã de diversos duelos de MCs como a Batalha do Santa Cruz e a Batalha de Xapuri, entre outros feitos. Em 2023, formou-se em licenciatura em Artes Cênicas pela Ufac. Atualmente desenvolve atividades relacionadas principalmente à cultura *hip hop* e à cultura popular, sendo uma das idealizadoras e produtoras da Batalha das Maninhas; é integrante do Núcleo de Estudos de Capuêra Angola Maria Felipa.

Julio Cardial é arte-educador, produtor e mediador cultural, capoeirista e artista de rua. Desenvolve projetos vinculados à cultura popular e à educação desde 2012, quando participou da equipe de pesquisa e assistência do livro *Memórias de uma ilha*, financiado pelo Edital Proac do Estado de São Paulo. Em 2013 coordenou o espaço cultural A Lage, em Araraquara. De 2015 a 2018, trabalhou na Associação Cultural de Capuêra Angola Paraguassú, além de atuar na construção de eventos em praças públicas. Produz intervenções artísticas na área de música e circo nas ruas de Rio Branco; toca percussão no conjunto musical Raízes Fulê; fez participações especiais em apresentações do grupo de cultura popular Jabuti Bumbá. Em 2019, fundou o Grupo de Estudos de Capuêra Angola Maria Felipa e desde então, trabalha dando aula de Capoeira Angola para adultos, jovens e crianças na Universidade Federal do Acre.



RODA VIVIFICANTE DE CAPUÉRA ANGOLA: CARTILHA EDUCACIONAL

Apoio e Realização



**O Programa de Extensão Samaúma Vivificante foi financiado pela Emenda Parlamentar nº 71020006 do deputado federal Léo de Brito.*

